

Edgar Leite (org.). (2017). *Filósofos Judeus*, vol. 1. Editora Jaguatirica: Rio de Janeiro. 169 pp.

A obra vem a lume pela mão do Professor Doutor Edgar Leite, diretor executivo do Centro de História e Cultura Judaica, no Rio de Janeiro. O coordenador da obra desafiou especialistas brasileiros e portugueses a evidenciar o pensamento judaico no cruzamento com a cultura e a filosofia universal. Neste pequeno volume encontramos a difusão de oito autores, iluminando a sua convergência e o contributo que deram à humanidade. Filón, Maimónides, Nachmânides, Espinosa, Freud, Buber, Rosenzweig e Lévinas. O leitor tem aqui uma oportunidade de entrar em contacto com o fundamental de cada um destes autores, conciliando o rigor das fontes e a exatidão dos conceitos, com uma leitura fácil e apetecível.

Da antiguidade aos nossos dias, os pensadores aparecem por ordem cronológica, desde Fílon de Alexandria (25.C.-50 d.C.) apresentado por Edgar Leite. A sua obra pode ser dividida em três partes: textos exegéticos, textos históricos e apoloéticos, e textos filosóficos. Fílon de Alexandria cruza diferentes culturas, a judaica, a grega e a egípcia, mas o seu pensamento é universal, deixando um legado importante até aos dias de hoje. Fílon tinha um interesse especial por temas teológicos e uma preocupação com a tradução, de modo a cruzar o universo filosófico helenístico com os elementos centrais do pensamento bíblico.

A tradução da Bíblia hebraica para o grego, designada “dos 70”, realizada em Alexandria, antes do seu nascimento, era considerada sagrada. Para Fílon os seus tradutores tinham tido uma inspiração profética, possibilitando uma intimidade crucial entre filosofia grega e a

palavra de Deus, pois, para Filon, a tradição judaica continha uma mensagem universal, o que implica uma receptividade ecuménica.

Maimónides (1135-1204) é um medieval que marca os tempos, aqui divulgados por Layli Oliveira Rosado. Moisés bem Maimon, conhecido por Maimónides é natural de Córdoba. Seu pai era um homem culto e desde cedo iniciou o filho nas disciplinas filosóficas, religiosas e científicas da época. Viveu em Fez, em Jerusalém e na região do Cairo. Fez estudos importantes na área da medicina, estabeleceu importantes relações entre o corpo e a mente, mas foram os seus estudos filosóficos e teológicos que lhe trouxeram notoriedade.

Na sua obra destaca-se o *Guia dos perplexos*, escrita em árabe, em que encontramos uma conciliação entre a filosofia grega e a tradição judaica. O *Guia dos perplexos*, dividido em três volumes, destina-se a uma elite intelectual com o objetivo demonstrar o caminho em direção ao conhecimento divino. Maimónides, grande admirador de Aristóteles, ficou também conhecido como Aristóteles judeu. Nas suas obras encontramos uma visão conciliatória entre fé e razão, entre aristotelismo e judaísmo.

Nachmânides (1194-1270), que viveu na Catalunha medieval, também deixou um legado importante, quer pelas suas reinterpretações sobre a Torá, quer por introduzir reflexões cabalísticas nos comentários bíblicos. Segundo Renata Sancovsky, o seu pensamento diverge de Maimónides, pela forte mística. Foi o único rabino da Idade Média a colocar a importância do retorno a Israel, dando ele próprio o exemplo ao emigrar para Jerusalém em 1267.

O incontornável filósofo Espinosa (1632-1677) é apresentado por Marcos Gleizer. Era filho de judeus portugueses perseguidos e obrigados a converter-se ao catolicismo, mas que mantinham secretamente vivas a sua fé e tradições judaicas. Espinosa aos 24 anos é acusado de heresia e expulso da comunidade. É afastado dos negócios da família e aprende o ofício de polidor de lentes para lunetas, sustento que lhe possibilita dedicar-se ao pensamento filosófico que ultrapassa as fronteiras do judaísmo, e cujas obras de maturidade são o *Tratado teológico-político* e a *Ética*.

O objetivo principal do *Tratado teológico-político* é defender a liberdade de pensamento e expressão, demonstrando que a liberdade é

compatível com a preservação da piedade e a paz social. Na *Ética* ensina-nos que a qualidade das nossas vidas decorre da natureza dos conhecimentos. O sábio possui conhecimento intelectual, porém este é um caminho árduo e poucos conseguem percorrê-lo. Assim como o conhecimento matemático é universal, o conhecimento intelectual que engendra a felicidade suprema é acessível a qualquer ser racional. Para Espinosa a realidade é inteligível, afirmando um racionalismo e simultaneamente um determinismo, pois considera que tudo o que existe na natureza tem uma causa ou razão que o determina. Para Espinosa, tudo o que ocorre está determinado pelas leis necessárias da natureza. E Deus mais não é do que esta natureza inexorável.

Sigmund Freud (1856-1939), pensador judaico e criador da psicanálise, aparece nesta coletânea pela mão de Chaim Katz. Freud opera uma revolução copernicana, em que o eu deixa de ser o centro e em que o psiquismo, cheio de mistérios, tem novas vias de acesso. A partir de agora, as enfermidades do corpo têm que ser lidas também à luz do inconsciente, profundo e poderoso. Pulsões, recalcamientos, medos, desejos, impulsos sexuais e complexos são categorias presentes na nova abordagem psicanalítica. Freud utilizou a hipnose como técnica para a cura de doentes com histeria, considerando que forças obscuras habitam o ser humano. *Totem e tabu* é uma das obras centrais do seu pensamento filosófico, em que temas da antropologia filosófica têm lugar de destaque. Mas dentro da psicanálise o destaque vai para a obra *A interpretação dos sonhos* e os *Três ensaios sobre a vida sexual*.

Para o Rabino Sérgio Margulies o importante não é falar sobre Martin Buber (1878-1965), mas sim dialogar com ele, de modo a estabelecer uma “dialo-grafia”. Ao contrário do interesse ou da relação “eu -isso”, o encontro ou o diálogo “eu e tu” é desinteressado e incondicional. Deus é o Tu eterno que não pode ser moldado ao sabor das circunstâncias.

No ser humano, o assumir das responsabilidades é tarefa árdua. Exige mergulhar nas profundezas da própria existência. A responsabilidade não é transferível ou delegável. Quando encontramos alguém no nosso caminho, esse alguém torna-se nosso próximo e é desse amor que se ama e descobre Deus. Somos pessoas porque somos responsáveis uns pelos outros. Podemos dizer “eu” porque há vários “tu”.

Martin Buber, colaborou com Franz Rosenzweig, na tradução alemã das Escrituras. A sua obra de referência, *Eu e Tu*, data de 1923.

Sobre o pensamento de Franz Rosenzweig (1886-1929), Mendo Henriques apresenta o cruzamento entre vida e obra deste pensador, pioneiro nos conceitos de alteridade, relação, redenção e revelação. Filosofia dialógica ou co existencial, lança as sementes de um pensamento que se constrói em diálogo com o outro, com o diferente, que atende às especificidades e às diferenças, rompendo com a totalidade abstrata da filosofia hegeliana.

Franz Rosenzweig publica em 1921 a sua obra maior *A estrela da redenção*, dividida em três partes, sobre Deus, mundo e ser humano. A sua visão da revelação como apelo do outro ajudou a moldar o curso da filosofia e da teologia. O diálogo apresenta a relação entre eu e tu como constitutiva da individualidade e com consequências redentoras.

O pensamento dialógico de Rosenzweig procura o ponto de vista do ser humano finito, situado no tempo, num percurso que começa no outro e que avança através das relações entre os elementos para uma promessa redentora. A criação é o divino a transformar-se em relação com o mundo do qual emerge o ser humano. A revelação é o humano a transformar-se pela relação com o divino. A redenção é a transformação do mundo pela relação com a humanidade.

A atrofia dos tecidos musculares levou Rosenzweig a viver praticamente paralisado desde 1923, perdendo capacidade de linguagem e mobilidade, com exceção de alguns movimentos dos dedos e pálpebras. Os seus conhecimentos, profundidade e originalidade marcaram autores como Emmanuel Lévinas, Eric Fromm, Leo Strauss, Walter Benjamin, entre outros.

Emmanuel Lévinas (1905-1995), apresentado por Nazaré Barros, bebe de Rosenzweig as intuições fundamentais e é um dos filósofos que melhor sistematiza as categorias de outro, alteridade e relação. A filosofia dialógica aparece como a única via, em que o eu e o tu são faces indissociáveis da mesma relação. Para Lévinas antes da liberdade há a responsabilidade, antes da ontologia a ética. Somos responsáveis pelo outro. Ser eu é ser responsável perante o outro e essa relação é uma obrigação que faz de mim um ser eleito, em mim cai a missão de servir o outro. Na relação eu-outro, o eu não pode ficar

indiferente, tem de responder ao apelo do outro, pois somos primeiramente responsáveis.

A responsabilidade pelo outro é tratada como estrutura fundamental da subjetividade. A percepção do rosto não é da ordem da intencionalidade. Assim, ao emergir o rosto do outro no meu mundo, torno-me responsável por ele. E somente no exercício de tal responsabilidade é estabelecida a proximidade. Perante o outro, a atitude humana é dizer: eis-me aqui!

Filósofos Judeus é, deste modo, uma obra de divulgação e de ampliação do pensamento. Judaísmo e universalismo estão presentes nestes autores, que deram o melhor de si à cultura: autores universais, cujo contributo à humanidade a todos nos deixa orgulhosos.

NAZARÉ BARROS